

Psicanálise e análise de discurso: interloquções possíveis e necessárias

Maria de Fátima Vilar de Melo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as interlocuções entre a Psicanálise e a Lingüística, enfocando, sobretudo, a Escola Francesa de Análise de Discurso fundada por Michel Pêcheux. Esse modelo de análise de discurso se constitui como o primeiro campo da Lingüística a empregar as descobertas da Psicanálise, especialmente os estudos lacanianos sobre o sujeito. As reflexões aqui apresentadas foram desenvolvidas a partir de produções atuais de lingüistas ou psicanalistas brasileiros e franceses.

Palavras-chave: Concepção de sujeito, escola francesa de análise de discurso, psicanálise, lingüística

*Entre as escuras duas
Margens da palavra
Asa da palavra
Asa parada agora
Casa da palavra
Onde o silêncio mora
Brasa da palavra
A hora clara, nosso pai
Hora da palavra
Quando não se diz nada
Fora da palavra (...)*

Milton Nascimento e Caetano Veloso, A terceira margem do rio

As descobertas da lingüística no que concerne às concepções e funções da linguagem, à produção textual e discursiva, interessam, sobretudo, às ciências humanas, particularmente, à Psicanálise. Não obstante, as aproximações entre estas disciplinas são ainda realizadas de modo bastante tímido.

Para a Psicanálise, apesar da sua evidente relação com a linguagem desde a sua fundação com Freud, tendo tomado contornos ainda mais definidos com Lacan, podemos afirmar que as interlocuções estão longe de serem consideradas suficientes. É notório, entretanto, o aumento contínuo do número de lingüistas que despendem esforços para desenvolver reflexões tangentes à linguagem levando em conta os achados da Psicanálise. No Brasil, podemos citar Cláudia de Lemos, Eduardo Guimarães, Eni Orlandi, influenciados pelo movimento francês de aproximação destas duas disciplinas, inaugurado por Michel Pêcheux, no campo da análise de discurso, e representado na contemporaneidade por Michel Arrivé, Jacqueline Revuz-Authier, Laurent Danon-Boileu, Jean-Claude Milner, entre outros.

Este movimento pode ser tomado como um testemunho da proposição de que as relações entre Lingüística e Psicanálise consistem em uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que as informações oriundas da Lingüística interessam à Psicanálise, essa última também pode contribuir com a Lingüística. Assim, para Leite (1994), o discurso inconsciente engendra os deslocamentos e, em decorrência, Lacan recusava pensar a *Linguagem* como objeto exclusivo da Lingüística. Desse modo, ele afirma a existência de uma teoria de linguagem forjada a partir do conceito de Inconsciente e já delineada na obra de Freud. Lacan em entrevista a Caruso (apud Leite, op. cit., p. 35) argumenta:

Quando realiza uma análise do inconsciente, a qualquer nível, Freud sempre fez uma análise do tipo lingüístico. Freud havia inventado a nova lingüística, antes que esta nascesse. Ele não a conhecia e, portanto, não podia saber o que fazia era lingüística, e a única diferença entre a sua posição e a minha, se baseia no fato de que eu, abrindo um livro seu, em seguida posso dizer: isto é lingüística. Posso dizê-lo porque a lingüística apareceu alguns anos depois da Psicanálise. Saussure a começou pouco depois de Freud, na *Interpretação dos sonhos*, tivesse escrito um verdadeiro tratado de lingüística. Esta é a minha distância de Freud.

Dentro desta linha de raciocínio, assinalamos que a contribuição da Psicanálise para Lingüística já pode ser observada na concepção de língua. Tal concepção, marca a impossibilidade da completude da língua, do poder do Todo na língua, com a elaboração do conceito de alíngua. (Milner, 1987). Mas, segundo Milner (1987, op. cit. p. 77), esta visão da língua ainda é pouco adotada pelos lingüistas, o que concorre para o desinteresse pela Lingüística.

A lingüística, hoje, interessa muito pouco e, mesmo, entedia. Talvez tenha sido sempre assim com as disciplinas que tratam da língua, afora o tempo em que a palavra-mestra fazendo figura de Todo, o estruturalismo encontrava sua prova e seu recurso naqueles que pareciam ter fortemente estabelecido o poder do Todo sobre a língua. Mas nos dias de hoje, o Todo não atrai mais, e as inscrições que ele permite passam de bom grado por opressivas. A lingüística participa deste descrédito, inteiramente depositado na conta da ordem monótona que ela manteria nas almas e na sociedade.

Não obstante, uma concepção de linguagem largamente difundida e aceita na atualidade – a concepção pragmática –, aponta para a referida incompletude da língua, quando considera que o sentido do enunciado depende de fatores contextuais, portanto, de fatores extralingüísticos, parafraseando Freud “para além da língua”. Assim sendo, ela contempla tanto à dimensão denotativa da linguagem como a dimensão conotativa, que traz a tona à polissemia da palavra, provocando um contínuo deslizamentos de sentidos, brilhantemente descrito na poesia de Elliot (apud Slobin, 1979):

*... as palavras distendem-se
fendem-se e às vezes dilaceram-se
sob a carga
sob a tensão,
escorregam, deslizam, defínham-se,
declinam com imprecisão,
não permaneceram em seu lugar,
não ficarão paralisadas...*

T. S. Eliot, 1938

Não obstante, parece que a idéia de incompletude da língua apenas borboleteia esta concepção de linguagem, não sendo tomada em sentido mais radical, uma vez que as pistas contextuais tendem a preencher essa falta. Será que uma possível causa para esse fato reside na concepção de sujeito que atravessa esta corrente lingüística e seus adeptos, pois é notadamente distante do sujeito do inconsciente desenvolvido pela Psicanálise, marcado também pela incompletude? Como assinala Bertrand Ogilvie (1987), para a psicanálise o sujeito é fundado pelo desconhecimento. Tal desconhecimento não consiste numa ignorância, ele não é

passivo. Ao contrário, esse desconhecimento corresponde à própria atividade do sujeito.

A concepção psicanalítica de sujeito é convocada e introduzida no seio da Lingüística a partir da Escola Francesa de Análise do Discurso, inaugurada por Pêcheux na França. Esse autor traça um caminho inverso ao de Lacan, que se aproximou da Lingüística como apoio para seus estudos em Psicanálise. Esses estudos exerceram sobre Pêcheux uma influência decisiva.

Esse autor ao fundar a Análise do Discurso como disciplina da Lingüística e convocar a Psicanálise como uma das disciplinas constituintes desse campo, ele reafirma a interdisciplinaridade como destino dos estudos relativos à linguagem, e mais particularmente ao discurso. Desde então, esse campo de estudo passou a figurar entre os pilares que sustentam e fomentam a interlocução entre as duas disciplinas. Por isso, nos debruçaremos a seguir sobre as relações entre Psicanálise e esta escola de Análise do Discurso nomeada, a princípio, como Análise Automática de Discurso.

A bem da verdade, antes de Pêcheux, Harris (1952) apresenta uma obra intitulada *Discourse Analysis*, que para alguns autores consiste no ponto de partida da Análise do Discurso, tanto de orientação anglo-saxônica como francesa, tendo, inclusive, conferido nome a essa área de estudos (Rocha-Coutinho, 1998). Não obstante, a noção de discurso que se encontra na obra de Harris, é bastante distinta daquela que será desenvolvida por Pêcheux. Por esse motivo esta afirmação pode ser, apenas, parcialmente aceita. Como assinala Brandão (2002):

Embora a obra de Harris possa ser considerada como um marco inicial da análise do discurso, ela se coloca ainda como simples extensão da lingüística imanente na medida em que transfere e aplica procedimentos apenas de análise de unidades da língua aos enunciados e situa-se fora de qualquer reflexão sobre a significação e as considerações sócio-históricas de produção que vão distinguir e marcar posteriormente a Análise do Discurso.

Desse modo, somos conduzidos a pensar que o caráter fundador atribuído à obra de Harris pode ser considerado como situado na área de Análise Textual.

Segundo Brandão (op. cit), a constituição do discurso como objeto de investigação na França, sob a batuta de Pêcheux, é fortemente tributária dos lingüistas russos e aos estudos de Foucault sobre a formação discursiva. O conceito de discurso desenvolvido na época parte do pressuposto de que o sentido do discurso não é transparente, ao contrário, ele é opaco e, assim, “é preciso desconstruir a discursividade para enxergá-lo”. (Gregolin, 2001, p.11). Como sublinha Gadet e Hak (1993), o discurso coloca o lingüístico em relação com o campo social apreendido através da história, não devendo assim ser confundido com texto, pois não se encontra nos encaixamentos presentes nesse último. Desse modo:

... a proposta intelectual em que se situa a AD é marcada pelo fato de que a noção de leitura é posta em suspenso. Tendo como fundamental a questão do sentido, a AD se constitui no espaço em que a Lingüística e com as Ciências Sociais. Em outras palavras, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na História. (Orlandi, 1999, p. 25)

Partindo desta definição de discurso, a AD ao se instituir, se debruçará sobre textos institucionais, sobre documentos, não se propondo a investigar a tessitura das interlocuções espontâneas, conhecidas como *conversa* que vem sendo estudada por uma corrente anglo-saxônica vinculada à corrente da Pragmática da linguagem, denominada: Análise da conversação. Todavia, como sublinha Gregolin (2001), a AD ao longo do seu desenvolvimento estendeu seu território de atuação para diversos gêneros discursivos. De forma que o próprio Pêcheux passa a preferir o termo Análise de Discurso no lugar de Análise do Discurso. Sendo seguido por alguns dos estudiosos de grande reconhecimento neste campo, tais como Orlandi (1999), Gadet e Hak (op. cit), entre outros.

Ademais , a AD incorporou a contribuição de outros autores, partidários de disciplinas correntes distintas, como por exemplo, Bakhtin, Ducrot, tendo sido instituídas tendências diversas, cuja evolução, como aponta Maingueneau (1997), não é linear. Grosso modo, essas tendências se encontram identificadas como correntes de origem francesas ou correntes de origem anglo-saxônicas. Dentre elas, esta que foi fundada por Pêcheux é que, sem sombra de dúvida, pode contribuir de modo mais profícuo com a Psicanálise e vice-versa, embora, existam alguns obstáculos a serem ultrapassados para que esta contribuição seja mais efetiva. Esses obstáculos serão tratados mais adiante. Agora tentaremos precisar melhor o que é discurso para essa linha de análise e apresentar em linhas gerais seus princípios norteadores.

A partir desta linha Maingueneau, em aulas proferidas na Universidade de São Paulo (apud Guirado, 2000, p. 23), ao discutir as diferenças entre Análise de Discurso e outros campos de estudos da Lingüística que também se debruçam sobre a produção de sentidos, diz, que para ele, o discurso não é objeto de estudo, mas uma forma de abordagem de um texto oral ou escrito. Ele sublinha:

Não se pode definir Análise de Discurso a partir dos objetos, dizendo, por exemplo, que estuda a conversação e outras disciplinas do discurso científico, pedagógico, literatura, etc. Entre análise conversacional e Análise de Discurso não há diferença de objeto; há diferença de pontos de vista. A Análise de Discurso pode perfeitamente estudar uma conversação, apoiar-se sobre o trabalho dos conversacionalistas, mas vai utilizá-la para outro objetivo.

Ao meu ver a Análise de Discurso é uma disciplina que procura pensar a relação entre um lugar social e uma certa organização textual. Digo “lugar social”,

num sentido amplo: a política, um jornal, uma doutrina, a literatura, um hospital, uma aula, a entrevista entre um psicólogo e um cliente são lugares sociais.

Ao inaugurar sua abordagem de análise de discurso Pêcheux disciplinas constituirá sobre um tripé:

- O materialismo histórico e dialético, posto que se trata de uma teoria das formações e das transformações sociais, nesse contexto teórico ele destaca a teoria da ideologia de Louis Althusser.
- Na lingüística como teoria dos mecanismos sintáticos e dos projetos articulados por uma teoria da subjetividade.
- A teoria do discurso no sentido das determinações históricas dos processos semânticos.

A psicanálise é convocada, através da concepção de sujeito elaborada por Lacan, cabendo a essa concepção a tarefa de articular as três regiões supracitadas. Porém, como mostra Teixeira (2001), essa articulação é responsável por um impasse teórico, dado que o conceito de forma-sujeito, presente na Teoria da ideologia de Althusser, não é passível de ser articulado com o sujeito do inconsciente da Psicanálise, dito de outra maneira, o Outro lacaniano, pois esse conceito é alheio à dinâmica pulsional, subjacente à concepção psicanalítica. De modo que, essa autora propõe que seja repensado “o apelo de Pêcheux à Psicanálise”. Nessa ótica, vale assinalar que o próprio Pêcheux durante o percurso de tessitura da AD foi se distanciando da teoria da ideologia e se aproximando mais do sujeito do desejo da Psicanálise. Pode-se encontrar três momentos diferentes da AD, e apenas no primeiro momento, é que Althusser tinha mais importância para Pêcheux que Lacan, Derrida e Foucault (Gadet e Hak, 1993). Passamos agora a descrever resumidamente esses três momentos, a partir do texto de Pêcheux: *Análise de Discurso: três épocas* (1983).

Pêcheux (1993) denomina a primeira época da análise de discurso de “AD-1”, apontando que ela corresponde à “exploração metodológica da noção de maquinaria discursivo-estrutural”. Nesse período, o processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e debruçada sobre si mesmo, onde “um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos. Os sujeitos acreditam que ‘utilizam’ seu discurso, quando na verdade são seus ‘servos’ assujeitados, seus suportes” (p. 311). A concepção de língua que permeia essa posição teórica é de uma língua natural (no sentido lingüístico da expressão), consistindo na “base invariante sobre a qual se desdobra uma multiplicidade heterogênea de processos discursivos justapostos” (p. 311).

Em suma, a AD-1 é um procedimento por etapa com ordem fixa e restrita. Como assinala Teixeira (op, cit), apaga o sujeito, privilegia sobremaneira o vocabulário empregado e, “um saber não-lingüístico do analista, um saber

histórico independente do discurso”. Razão que leva a análise a se reduzir ao parafraseamento do texto.

A segunda etapa AD-2 que o próprio Pêcheux é muito pouco inovadora, é nomeada como: da justaposição dos processos discursivos à tematização de seu entrelaçamento desigual. *Ela* consiste um deslocamento teórico resultante de um novo olhar sobre as relações entre as máquinas discursivas estruturais. Estas relações são compreendidas como forças desiguais entre processos discursivos, exercendo, portanto, uma influência desigual uns sobre os outros. A noção de Formação Discursiva (FD) de Michel Foucault começa a aniquilar a noção de “máquina estrutural fechada”, dado que uma FD não se constitui como um espaço estrutural fechado na medida em que comporta elementos originários de outras FDs. Nessa etapa é forjada a noção de *interdiscurso* para nomear o exterior específico de uma FD, mas o fechamento da maquinaria é conservado. Em decorrência, o sujeito é compreendido apenas como puro efeito da maquinaria da FD, com a qual ele se identifica, sendo descartado o sujeito da enunciação.

Dentro desta ótica, Texeira (op. cit) assinala que Courtine (1981) reflete sobre a identidade da FD, mostrando que essa, deve ser entendida como uma realidade heterogênea. Assim, acrescida dessa característica, a FD possibilita que a AD se volte na direção da heterogeneidade discursiva.

A terceira etapa AD-3 é caracterizada pela emergência de novos procedimentos em função da desconstrução das maquinarias discursivas. Pêcheux não chega a desenvolver uma análise crítica desta época, dado que ele estava ainda mergulhado nela, porém levanta alguns elementos que servem como referências.

1. O primado da alteridade (heterogeneidade discursiva) conduz ao limite a crise da noção de máquina discursiva estrutural.
2. A prática de AD por etapas com ordem fixa termina definitivamente.
3. A AD esta época se propõe a abordar o estudo da construção dos objetos discursivos e dos acontecimentos, assim como dos pontos de vistas e lugares enunciativos no fio intradiscursivo.

Pêcheux tinha, neste momento, muitas interrogações, as quais, em parte, concernia ao sujeito da enunciação. A força dessas interrogações levou este autor denominar a AD de “ montanhas metodológicas parindo ratos”. Mas, segundo Teixeira (op. cit), essas interrogações eram decorrentes da leitura limitada que Pêcheux fez dos estudos de Lacan, tendo sido descrita em *Verités de la Palice*. Tal observação lhe leva a propor que seja repensada a inserção da Psicanálise, levando-se realmente em conta o sujeito do inconsciente.

Definir o sujeito como desejante, implica em aceitar a impossibilidade de simetriação, dada a ingerência do real como impossibilidade, isto é, como o que causa a fenda no simbólico, que provoca deslocamentos no tangente à língua, à

enunciação, à historicidade, cujo impacto no entendimento da noção de *sentido* em análise de discurso é nuclear. Desta forma, ela apela para abordagens contemporâneas, oriundas da Lingüística e da História inspiradas pela Psicanálise. A saber: as abordagens propostas por Claude Milner e Jacqueline Authier-Revuz dentro do campo da Lingüística e a abordagem Michel de Certeau em História.

Os trabalhos realizados por Jacqueline Authier-Revuz (1982, 1984) nos parece bastante fecundos ao revelar o lugar do outro na constituição discursiva. Essa autora se ancora nas concepções de Bakhtin, Pêcheux, Marandi e Courtine sobre discurso, pois que essas concepções compreendem esse fenômeno como produto do interdiscurso. A visão de historicidade adotada é de acontecimento, no sentido de que o passado não se configura como uma região organizada e imutável, sem sofrer a interferência do presente.

Dentro de uma perspectiva semelhante, destacamos a obra de Leite (op. cit.), que também propõe uma releitura da análise de discurso, baseado em Lacan, mas a partir de uma das últimas obras de Pêcheux: *Discurso: acontecimento ou estrutura?* (1990). Ela apela para o retorno à noção de estrutura e sujeito (não-sujeito) na concepção da Psicanálise, uma estrutura comporta o furo, propondo o discurso como acontecimento na estrutura. Como ela mesma declara:

Central para a discussão que pretendemos empreender, a noção de estrutura assume o estatuto de eixo diretor no desenvolvimento do trabalho, uma vez que a partir de uma leitura específica do último texto do autor, nomeadamente *Discurso: acontecimento ou estrutura?*, propomos uma visão dos anteriores (p.20).

À guisa de conclusão assinalamos a pertinência e, mesmo, a necessidade desse tipo revisão, dado que ao se fazer uma rápida revisão na literatura sobre discurso, observamos que mesmo a maior parte dos lingüistas partidários da Escola Francesa de Análise de Discurso, se dirigem principalmente ao caráter sócio-histórico do discurso, negligenciando a participação da Psicanálise por razões que merecem ser mais discutidas. Apesar de que, como assinalamos no início deste artigo, tem aumentado o número de lingüistas cujos trabalhos representam um avanço na direção de uma interlocução mais efetiva entre estas duas disciplinas.

Por outro lado, a grande maioria dos psicanalistas se mantém impermeável às contribuições tanto da lingüística e particularmente da análise de discurso. Neste sentido, Guirado (2000, p.11), partindo de uma compreensão institucional da clínica, pontua que a aproximação da psicanálise com a AD poderia influenciar o trabalho clínico de três maneiras:

No plano da compreensão das terapias ou análises como práticas discursivas em si, ou melhor, como algo que acontece em íntima relação com o contexto, como um conjunto de relações funda as falas, eliminando em grande e sigiloso

estilo as surpresas do processo. Isto não quer dizer que nada mude ou tenha resultados. Mas, sim, que os efeitos, os movimentos de uma sessão ou de um processo como um todo, não se fazem fora dos discursos ou dos gêneros discursivos que atravessam uma análise.

... *influencia, ainda*, no plano de conceitos como o de discurso, enunciação, cena discursiva (Partes I e II), favorecendo uma compreensão diferente da habitual sobre o que é o ato analítico e implicando-nos nele, na qualidade de analistas, para além do que dão conta dos conceitos de transferência e contratransferência...
... *influencia, por fim*, ao discutir a questão da não transparência do discurso, bem como da sua heterogeneidade [...]. Nós, os psicanalistas, estamos familiarizados com a idéia de que o que se fala aos ouvidos da consciência e da convivência social não é toda verdade do que se diz.

Este fato parece trazer à tona a dificuldade da interdisciplinaridade. Antes de tudo, pelos obstáculos epistemológicos, já que o domínio do outro campo de estudos é uma condição necessária; caso contrário, corremos o risco de reduzi-lo ao nosso campo ou vice-versa. Além disso, existem os obstáculos advindos da ciência como uma construção social como já mostrou Kuhn em seu famoso livro *A estrutura das revoluções científicas* (1979), que se realiza a partir da organização da comunidade científica em grupos, concorrendo muitas vezes, para a legitimação de certas posições, em detrimento de outras. No sentido das relações que normalmente se institui entre saber e poder (Foucault, 2000).

Desse modo, somos levada a afirmar que, malgrado a interdisciplinaridade científica ser identificada como uma condição necessária para o desenvolvimento das ciências humanas, ela não corresponde efetivamente a prática dominante, sobretudo, se levarmos em conta a sua característica central: a não-redução de um campo ao outro. Esse risco não pode ser negligenciado, incidir nele pode significar uma descaracterização de um dos campos e, logo, a uma interlocução no mínimo estéril, posto que é falsa.

Referências

AUTHIER-Revuz, J. La représentation du discours autre : un champ multiplement hétérogène. Actes du colloque: *Le discours rapporté dans tous ses états*. Bruxelles 8-11 novembre 2001.

_____. *Méta-énonciation et (dé)figement*. Recife, texto apresentado em curso ministrado na Universidade Federal de Pernambuco, 2003, mimeo.

_____. *Hétérogénéité montrée e Hétérogénéité constitutive: éléments pour une*

approche de l'autre dans le discours. DRLAV 26. Paris, 1982, p. 91-115.

____ Heterogênicidade(s) enunciativa(s). *Langages*, n. 73, 1984, p. 98-109.

ARRIVÉ, M. *Lingüística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros*. São Paulo, EDUP, 2001.

BRAIT, B. Discurso, esse objeto de múltiplas faces. In: GREGOLIN, M. R.; BARONAS, R. *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2001.

BRANDÃO, M. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 2002.

CARDOSO, S. H. B. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Automática, 1999.

COURTINE, J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours: à propos du discours communiste adresse aux chétiens. *Langages*, n. 62, p. 9-127, juin, 1981.

FOUCAULT, M. *L'Ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.

____ Arqueologia do saber. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GADET, F.; HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1993.

GREGOLIN, M. R. *Olhares oblíquos sobre o sentido do discurso*. In: GREGOLIN, M. R.; BARONAS, R. *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2001.

GUIRADO, M. *Psicanálise e análise do discurso*. Matrizes institucionais do sujeito psíquico. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

____ *A clínica psicanalítica na sombra do discurso*. Diálogos com aulas de Dominique Maingueneau. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LEITE, N. V. A. *Psicanálise e análise do discurso*. O acontecimento na estrutura. Rio de Janeiro: Campo Matemático, 1994.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas, Pontes: Unicamp, 1997.

MILNER, J-C. *O amor da língua*. Porto Alegre, Artes Médica, 1987.

OLGIVIE, B. *Lacan: a formação do conceito de sujeito 1932-1949*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso*. Campinas, Pontes, 2000.

PÊCHEUX, M. *L'analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.

____ A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1993.

____ *Discurso: acontecimento ou estrutura*. Campinas: Pontes, 1990.

____ & FUCHS, C. Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours. *Langage*, 37, 1975.

ROCHA-Coutinho, M. L. *A análise do discurso em psicologia: algumas questões, problemas e limites*. In: SOUZA, M. L.; FREITAS, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. *Psicologia: reflexões (im) pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

SLOBIN, D. I. *Psicolinguística*. São Paulo: EDUSP, 1980.

TEIXEIRA, M. A constituição do sujeito discursivo. In: CORACINI, M. J.; PEREIRA, A. E. *Discurso e sociedade: práticas em análise do discurso*. Pelotas: Educart, 2001.

Resumo

This article aims at reflecting interlocutions between psychoanalysis and linguistics, focusing, to this purpose, the discourse analysis French "school", i. e. French scholars and thinkers group founded by Michel Pêcheux. This discourse analysis model is viewed (constitutes, itself) as the first linguistics field that summoned up psychoanalysis discoveries, particularly lacanian studies, regarding to subject. Theses reflexions, presented in this work, have been developed from Brazilians and French linguist or psychoanalysts actual productions.

Key words: Subject conception's, discourse analysis french school, psychoanalysis, linguistic